MURAL ESCOLAR: REFLEXÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O TRABALHO DA MULHER NO BRASIL

Bianca Amaral da Cunha[1]

[1]UFMG, bianca.cunha@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa uma experiência de produção de um mural escolar sobre as condições do trabalho da mulher no Brasil. A proposta, realizada com alunos do ensino médio, em uma escola pública da cidade de Cláudio, Minas Gerais, visou discutir e refletir sobre o tema e desenvolver nos estudantes as habilidades de produção textual. Ancorada em pressupostos de leitura (ROJO, 2004; KLEIMAN, 2010;) e produção de textos (GERALDI, 2012), os resultados parecem ressaltar a necessidade de se associar a prática de produção às temáticas relevantes socialmente, como o 'Trabalho'.

Palavras-chave: Tecnologias da educação, educação, ensino médio, acessibilidade, colaboratividade, educação básica.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa uma experiência de produção de Mural Escolar sobre as condições do trabalho da mulher no Brasil, que combina os temas transversais Ética, Pluralidade Cultural e Trabalho, propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e necessários à formação cidadã dos estudantes. Tal assunto é relevante na medida em que o atual contexto sociopolítico brasileiro levanta novas e antigas perspectivas sobre a condição feminina em diversas esferas, especialmente no trabalho, o que pode ser constatado na PEC 287, nas manifestações populares que ela tem gerado e nos discursos de líderes e pessoas influentes na mídia.

Para além disso, a confecção de um Mural Escolar leva à produção de textos de gêneros variados e multimodais (como o artigo de opinião e a charge), de forma que a discussão sobre o tema não se limitou à sala de aula, mas foi levada aos demais alunos e funcionários da escola. Permitiu, ainda, a breve revisão de alguns gêneros textuais em uma situação não-ficcional de produção.

Assim, este artigo tem como objetivos relatar brevemente a experiência realizada, analisá-la à luz das teorias sobre leitura e escrita na escola e verificar os alcances e limitações de uma proposta que parte de um tema de interesse dos alunos e usa uma tecnologia da educação muitas vezes abandonada, o mural escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Letramento é a "imersão na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito" (SOARES, 2003, p.13). Dessa forma, fica explícito o papel da escola na introdução do sujeito às práticas de leitura e escrita.

Por outro lado, nem sempre essas práticas na escola levam o aluno a usar a língua escrita de forma autônoma. Conforme Rojo (2004),

> [...] as práticas didáticas de leitura no letramento escolar não desenvolvem senão uma pequena parcela das capacidades envolvidas nas práticas letradas exigidas pela sociedade abrangente [...].
> Mas ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é [...] **trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela**. (ROJO, 2004, p.1-2. Grifo nosso.)

Assim, "parece necessário sugerir práticas e atividades que de fato visem ao desenvolvimento do letramento do aluno, [...]. **O elemento-chave é a escrita para a vida social.**" (KLEIMAN, 2010, p.377. Grifo nosso).

Para Britto (2012) e Geraldi (2012), a produção de texto na escola, muitas vezes, é feita em uma perspectiva artificial, negando as características básicas de uso da língua: "a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo."(BRITTO, 2012, p.126). Ou seja, o aluno escreve apenas para o professor, para mostrar que sabe escrever e sobre temas às vezes distantes do interesse e da realidade do estudante.

Segundo Dolz, Scheneuwly e Noverraz (2004, p.96),

> [...] criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isto que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

Dessa forma, a produção escrita na escola deve ser uma prática situada, contextualizada, precedida por leituras e por produções orais, por exemplo.

A pesquisa aqui relatada se realizou na perspectiva de possibilitar ao aluno a leitura crítica e reflexiva para a produção textual em uma prática situada – e não mecanizada, passiva, de mera repetição – sobre as condições do trabalho da mulher no Brasil, tema caro à atual circunstância nacional.

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida tem caráter qualitativo, já que não pretende generalizar os resultados, mas sim apresentar uma possibilidade de trabalho com a produção textual no ensino médio. Foram participantes os alunos de duas turmas (I e II) de 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Presidente Tancredo de Almeida Neves, em Cláudio-MG.

Para sua realização, foi elaborado um plano de 6 aulas contemplando atividades de pesquisa, leitura, produção oral e produção escrita que culminaram na montagem de um mural escolar. Tais aulas foram realizadas entre os dias 18 de abril e 05 de maio de 2017. Depois de concluída a montagem do mural, os alunos participantes responderam a algumas perguntas cujos objetivos eram avaliar os alcances e limitações da atividade e registrar as impressões dos estudantes sobre a mesma.

Finalmente, os dados gerados na aplicação do plano de aulas e da avaliação escrita dos estudantes foram analisados a partir dos pressupostos de leitura e produção textual e, para apresentação dos resultados da pesquisa, foi produzido o presente artigo.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Na primeira aula, foi apresentada aos alunos a proposta de trabalho – justificativa, objetivos e etapas – bem como um questionário sobre as trabalhadoras com quem moram, a ser preenchido por cada um. Todas as questões foram explicadas e

remetiam ao grau de estudo, idade e remuneração das mães, irmãs, avós, entre outras, e tipos de trabalhos por elas realizados, tanto dentro quanto fora de casa. Tais atividades foram importantes por incluir os alunos no processo produtivo, dando oportunidade de verificarem a própria realidade e de falarem sobre ela, a partir de suas impressões e vivências.

Na aula seguinte, com o questionário respondido, foi solicitado que os alunos levantassem hipóteses – afirmações – sobre seu conhecimento prévio sobre o tema “Mulher e Trabalho”. Na turma I, foram levantadas 10 hipóteses e na II, 16. Na turma I, os alunos se manifestaram voluntariamente enquanto na turma II, foi preciso incentivá-los a falar, sendo dada a palavra a cada um. De maneira geral, as afirmações feitas giraram em torno da desigualdade salarial entre gêneros, do trabalho doméstico ser considerado feminino, do desrespeito e assédio sofrido pelas mulheres. Na turma II, os alunos mencionaram a interferência da gravidez no trabalho, mas não chegaram a formular esse aspecto como hipótese. Ao fim dessa aula, foram entregues quatro textos relacionados ao tema para leitura individual: dois retirados da página do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), com dados nacionais sobre a mulher e o trabalho e sobre a PEC 287; uma notícia sobre uma declaração do deputado Bolsonaro e da atriz Patricia Arquette; e uma notícia sobre um protesto de trabalhadoras rurais contra a reforma da previdência. Orientaram-se os alunos a avaliar se as hipóteses levantadas eram verdadeiras ou falsas conforme os textos dados e pesquisas que eles achassem necessário fazer para realizar tal tarefa.

Assim, na terceira aula foi realizada uma discussão regrada sobre as hipóteses e as considerações dos alunos sobre elas. Os alunos, para justificar suas avaliações sobre as afirmativas, usaram trechos dos textos dados bem como fatos de sua vida cotidiana, associando a discussão à própria vivência.

Na quarta aula, foi dada a orientação sobre a produção do mural escolar sobre

"Mulher e Trabalho", composto pelos gêneros textuais gráfico (com dados dos questionários respondidos na primeira aula), artigo de opinião (texto verbal que contemplasse os tópicos discutidos com a turma), curiosidades (informações chamativas e breves sobre o tema), charge ou cartum (que poderia ser criação dos alunos, adaptada ou copiada de jornal ou internet) e entrevista/depoimento (transcrição de opinião das claudienses sobre sua condição de trabalho). O mural teve o principal objetivo de sintetizar a discussão feita sobre o tema, expondo-a para os demais alunos e funcionários da escola. Para tanto, cada turma foi dividida em 6 grupos – um responsável por produzir cada gênero e um para montar o mural. Na turma I, os alunos preferiram se organizar por afinidade com a tarefa; assim, os alunos que tinham habilidades com desenho preferiram fazer parte do grupo de charge/cartum, os que tinham facilidade com matemática entraram no grupo dos gráficos, etc. Já na turma II, eles preferiram se organizar conforme as afinidades com os colegas e depois foi feito o sorteio das funções. Isto porque nenhum grupo queria ficar com a produção do artigo, comprovando o quanto escrever ainda é traumático na escola, conforme mostram Geraldi (2012) e Britto (2012). Os grupos foram orientados separadamente, já que se tratavam de gêneros textuais diversos. O grupo responsável pela montagem teve também a função de acompanhar as produções dos demais grupos, para se orientarem quanto ao espaço e organização dos textos verbais e não-verbais no mural.

Na última aula, após a aula dedicada à revisão das produções e à montagem propriamente dita do mural, os alunos responderam a algumas perguntas sobre todo o trabalho, em que avaliaram os alcances e limitações da atividade, bem como fizeram sugestões para a sua melhoria. Nas duas turmas, de maneira geral, os alunos afirmaram que falar sobre o tema Mulher e Trabalho ampliou seu conhecimento e os levou a se posicionar de forma mais crítica diante do assunto. Na turma II, boa parte relatou dificuldade em trabalhar em grupo, já que precisavam

chegar a um consenso para concluir os textos.

Tais aulas contemplaram, dessa forma, a inserção na discussão da sala de aula da realidade externa e particular dos alunos, além de se tratar de uma prática situada, recomendada por Rojo (2004), Geraldi (2012) e Dolz *et al* (2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui relatada comprovou a eficiência das propostas de trabalho em sala de aula que consideram os interesses e vivências dos alunos, bem como lhes dão oportunidade de opinar, de relatar, de expressar, de se sentirem participantes de uma prática social. Assim, revelou que, mais do que lidar com a língua através dos textos, as aulas de Português são espaço de informação e de formação de opiniões.

Quando os alunos têm claros os objetivos, o público-alvo e as circunstâncias de uma produção textual, escrever se torna uma atividade relevante em sua vida, e não algo que deve ser feito apenas na escola e para a escola, sem ligação com os fatos externos a ela.

REFERÊNCIAS

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, W. (org.). *O texto na sala de aula.* São Paulo: Anglo, 2012. p.117-126.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

GERALDI, W. (Org.). *O texto na sala de aula.* São Paulo: Anglo, 2012.

KLEIMAN, A. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevâncias das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. In: Perspectiva. Florianópolis, v. 28, n. 2, jul./dez. 2010, p. 375-400.

ROJO, R. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.* São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SOARES, M. *Letramento e alfabetização*: as muitas facetas. In: 26ª Reunião anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.